

Projecto de Intervenção

Preâmbulo

«Vivemos hoje numa *civilização de projectos* (Barbier, 1991). (...)

Com o reforço das autonomias dos actores e das organizações, o projecto veio, muitas vezes, ocupar o lugar das *ideologias totais*, cuja decadência ou fim, parece ser uma das características dos tempos de hoje.

Os projectos tornaram-se assim numa espécie de micro-ideologias da acção quotidiana, criando sistemas de crenças próprios para orientar a tomada de decisão dos actores (individuais ou colectivos), em função de determinados princípios ou valores.

Este movimento geral teve naturalmente repercussão no mundo da educação. Primeiro, numa dimensão *mais técnica*, tendo em vista alterar o processo de trabalho pedagógico e que deu lugar à chamada *pedagogia do projecto* (Vial, s.d.; Vassillef, 1988). Recentemente, numa dimensão *mais institucional*, com o aparecimento dos *projectos educativos* de escola.

(...)

Em Portugal, apesar de alguns documentos da Comissão de Reforma do Sistema Educativo fazerem referência, superficialmente, ao projecto educativo, é o Decreto-Lei n.º 43/89 que, pela primeira vez, relaciona a existência desse projecto com o alargamento da autonomia do estabelecimento de ensino.

“A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projecto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação a características e recursos da comunidade em que se insere.”

Todavia esta referência ao projecto educativo manteve-se até hoje como um voto piedoso da administração, formulado de um modo vago e ambíguo, sem explicitar o seu conteúdo e as partilhas de poder e obrigações que implica. Além disso, nada foi feito para habilitar os professores a desenvolverem as actividades necessárias à sua elaboração e execução.»

Esta pequena/longa citação de João Barroso * retirada da sua Introdução ao texto “*Fazer da Escola um Projecto*”, publicado em *Inovação e Projecto Educativo de Escola* (organização de Rui Canário, 1992) leva-nos a perceber

como 17 anos após estas palavras, na situação da escola de hoje, ainda nos encontramos longe da verdadeira autonomia e do genuíno projecto de escola. Mas, talvez muito mais preocupante ainda é podermos estar a vivenciar uma encruzilhada temporal de imensas turbulências, alterações e recuos que, contrariando a tendência duma cada vez mais natural assunção do projecto educativo como *projecto de escola*, como nos propõe o autor citado, estaremos, ao invés; face a um desvio e a um perigoso recuo desta concepção de escola. Como nos diz Maria Beatriz B Canário, no seu estudo “*Escolas Profissionais: Autonomia e Projecto Educativo*”, - e dizia-o nesse ano de 1992, “*O sistema vigente não só não premeia uma gestão por projecto que permita a afirmação do carácter próprio de cada estabelecimento de ensino, como induz, quase fatalmente, à persistência de uma gestão rotineira, balizada por renovados entraves burocráticos.*”

Como compreenderemos os factos acontecidos na Escola de San’Onofre, onde uma **escola de projecto**, sem paralelo no país, vê a sua legitimidade ser-lhe compulsivamente retirada, sem respeito por todo o esforço investido, pelo trabalho desenvolvido e pela capacidade que se traduziu na construção dum projecto verdadeiramente *sui generis*, como se pretenderia muitos outros houvesse pelo nosso país?

É consciente da importância do trabalho de projecto e de que cada escola construa o seu próprio de forma criativa, colectiva e responsabilmente, que a autora deste *Projecto de Intervenção na Escola Secundária de Sebastião da Gama*, o apresenta no contexto duma candidatura ao cargo de Director de Escola, de acordo com o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, e nos limites de um projecto de intervenção, cujas linhas de força, se anseia, venham a ser capazes de fazer erguer e construir um verdadeiro Projecto Educativo da Escola.

Projecto significa, com base em muitas definições que sobre ele existem, olhar a realidade presente e ser capaz de a ver com um olhar projectado no futuro. E se sabemos que o presente e o real social, económico, geográfico e cultural foram sendo determinados ao longo da construção da humanidade, acreditando que o determinismo tem a sua dose de influência sobre o presente e o futuro, também sabemos que o indivíduo e o meio social em que este se insere têm a capacidade de o transformar, de acordo com a sua consciência, competência e querer.

Na realidade, as transformações são lentas, porque não são obra de um só indivíduo, mas vão-se dando, às vezes por saltos, uns para a frente, outros para trás, relativamente àquilo que poderemos considerar de melhoria social.

As transformações, dum ponto de vista sustentado em algumas leituras, não surgem por acaso nem de forma espontânea, as mudanças surgem por planificação. E planificação estratégica.

Citado por João Barroso, na obra citada, e tendo em vista a construção do projecto, diz Ackoff (1973): «A *planificação estratégica surge assim como o “processo de conceber um futuro desejado, bem como os meios reais para o alcançar”*. A *planificação* passa a estar deste modo associada à *prospectiva*, entendida como “*uma reflexão para iluminar a acção presente, à luz dos futuros possíveis*” (Godet, 1989). Mas como dizia Rui Grácio, já em 1981, e referindo-se à *prospectiva educacional*: “*ao prospectivista cabe algo mais que realizar previsões por extrapolação, mesmo complexa, (...); cumpre-lhe ajudar a inventar e a construir um futuro, não apenas diferente, mas melhor*”»

Em “*Liderança Transformacional na Escola: Gerir a Mudança, Conseguir a Eficácia*”, estudo publicado na revista *O Professor*, (n.º 98, III Série, Maio/Dezembro, 2008), * (*) António Maria Romeiro Carvalho, Margarida Alexandra Freire Faustino e Maria Luísa M. Ferreira Gonçalves – Professor de História. Sociólogo e Mestrandas em Ciências da Educação Diz-se:

«*A conjuntura actual do Ensino e da Escola em Portugal passa por mudanças que poderão ser consideradas profundas quer a nível da organização, quer a nível profissional (novo ECD) As mudanças e a velocidade a que acontecem merecem mesmo o epíteto de “assustador”, por parte de Whitaker: “a mudança tem surgido nas escolas a uma taxa assustadoramente mais rápida do que a sua capacidade de adaptação a novos sistemas e procedimentos” (2000). É (pois) necessário, diríamos mesmo vital, para a Escola, mudar, inovar. Mas a mudança e a inovação não pode ser encarada como uma maratona, pois não é por introduzir muitas inovações ou mudanças que os problemas se resolvem. Não se trata de um problema de quantidade, mas de um problema de complexidade. Assim, deve o líder, mais que desenvolver o apetite pela mudança e inovação, desenvolver a “capacidade e o compromisso para resolver problemas complexos”.*

Assim, enquadrado num contexto nacional e internacional de mudança, a candidatura a que me proponho, vem eivada de expectativas, com a ressalva, como já se disse de ser este apenas um projecto de intervenção no contexto de um concurso individual, mas que se pretende faça eco do que, colectivamente, existe e poderá, essa é a motivação de quem concorre, vir a existir.

Consciente das muitas dificuldades que soçobrarão, consciente dum contexto que não pode deixar de ser considerado hostil às escolas portuguesas e aos professores do país; dum contexto que proporciona, com segurança, passos atrás no que tem sido a reforma do sistema de ensino português, através da publicação da sua Lei de Bases em 1986, pela Lei n.º 46/86, e alterada pela Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto.

Mas se o tempo é de mudança, e a mudança, como está provado, não se impõe, será, então, seguro prepararmo-nos para ela, mas conhecendo-lhe as suas limitações, fronteiras e possibilidades. Como diz Huberman, citado por

Ivor Morrish (1976 - Port/1981) em “Para uma Educação em Mudança”, As inovações mais duráveis e efectivas são aquelas que o utilizador fez suas, i.e. aquelas que ele adoptou por irem ao encontro das suas necessidades específicas”. E continua o autor da obra: «As mudanças e inovações afectam as pessoas e as suas atitudes e não apenas as instituições e os seus métodos; e qualquer tentativa para compreender as inovações no domínio da educação terá de ter em conta a personalidade humana e as relações entre as pessoas. (...) O professor tem de ser ensinado tal como os seus alunos; também é necessário convencê-lo de que a inovação ou mudança em causa está de acordo com os seus próprios conceitos, sobre os fins e os objectivos da educação; ou nas palavras de M. Richland: **“A inovação é (...) a selecção criadora, a organização e utilização dos recursos humanos e materiais de uma maneira nova e específica, do que resultará um melhor nível de aproveitamento e maiores possibilidades de se atingirem os objectivos propostos.”**»

Assim sendo, num clima de transformações e mudanças, muito mais numerosas do que seria desejável, para podermos com consciência apropriarmo-nos delas, apresenta-se, neste contexto, um projecto de intervenção na escola.

E se, como já dissemos, um projecto implica mudança e inovação, porque melhoria, implica então a visão possível que o autor terá da transformação positiva da realidade existente.

Teremos, então, ainda de orientar o projecto para a visão, para a transformação desejada. Ora, naturalmente que, sendo a Escola Pública uma instituição de interesse público, se a educação é uma função social do Estado, no espírito da Constituição Portuguesa; se a elevação pessoal, cultural e científica do povo português será um bem social do país, naturalmente que um projecto de escola tem por orientação os referenciais nacionais e deverá ter a visão de como se empreende a prossecução desses princípios, interesses e valores públicos.

Com efeito, a Lei de Bases do Sistema Educativo, nos seus Princípios gerais, preconiza que o sistema educativo “é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.” (Cap. I, Artigo 1.º, n.º 2).

E de entre os seus Princípios organizativos, merece especial referência as alíneas a) e b) do Artigo 3.º:

*“a) Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da **consciencialização relativamente ao património cultural do povo português, no quadro da tradição universalista europeia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre todos os povos do mundo;***

b) Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico.”

Falta, deste modo, apresentar o projecto, que, por força do que acima se expôs, nele se há-de tentar enquadrar.

É muita a responsabilidade, fraco certamente o engenho pessoal, imensa a possibilidade. Mas o projecto é colectivo, e se assim não fora, não seria um projecto educativo. O que agora aqui se apresenta não é senão, como se afirmou acima, apenas um eco que ressoa, neste caso individualmente, sobre quem este redige. Um eco saudável, que soa ainda ao primeiro entusiasmo das suas origens e dos seus sonhos.

E porque assim é, deixemos este preâmbulo, cujos princípios nele explanados serão tidos em linha de conta na elaboração de um projecto que, sendo simples e menor, deseja humildemente fazer jus à Escola Secundária de Sebastião da Gama, velhinha escola de longa história e de orgulhos vastos; e fazer jus aos seus professores, a todos os seus professores, que com muito espírito de sacrifício, muito sentido do dever, têm labutado, quotidianamente, às vezes com a alma suspensa das transformações do dia seguinte, a que, não louvando, nos temos vindo a habituar. E àqueles outros professores da escola que, irmanados em mesmas causas, nos abandonaram precocemente, porque a vida lhes foi ingrata de mais. O entrever da morte leva-nos ainda mais à urgente exaltação da vida, e com sabor e exigência epicuristas, saibamos continuar a viver uma vida, e neste caso, a vida escolar, com a dignidade e a responsabilidade de quem sabe que possui o futuro nas mãos. E essas flores, como diria Sebastião da Gama, darão o fruto: aquele fruto que fomos capazes de construir.

Na verdade, a Escola Secundária de Sebastião da Gama e os seus professores têm um sonho e têm um poeta. Saiba este escrito merecê-los a ambos.

«Cresceu a ciência, cresceu a técnica, cresceram as invenções e as máquinas, mas não cresceu o Homem. Com a mecanização industrial, o homem tornou-se máquina, descurou as íntimas aspirações e a ciência do seu próprio coração. E naquelas regiões profundas onde cada um se encontra a sós consigo mesmo, foram-se, às vezes, apagando as luzes dos valores humanos e, com elas, o sentido da existência e a sã alegria de viver... (...) Hoje o homem tem muito que “fazer”, mas não consegue “ser”. E “ser ou não ser eis a questão...”»

Maria Angeles de Los Rios*, *“Amanhã... a Empresa do “Homem””, in “Dirigir”*

*Responsável em Portugal da Associação Portuguesa de Personalidade e Relações Humanas

«A falta de Saber Ser é uma constante no quotidiano de qualquer cidadão que, estando vivo, e atento, tenha que sair de casa: dos transportes ao café, ao restaurante, à empresa onde trabalha, dos fornecedores aos clientes, passando

pelos organismos públicos, ao fim do dia, exemplos não lhe faltarão.

O profissionalismo é (ainda) escasso. Talvez não tanto por falta de saber, talvez não tanto por falta de saber fazer, mas muito, por falta de Saber Ser.»

Fausto Marsol,* “O Que Podemos Fazer...”, in “Dirigir” *Director--Geral da O & D.

«Quem jaz no abismo sob o mar que se ergue?/Nós, Portugal, o poder ser./Que inquietação no fundo nos soergue?/O desejar poder querer.»

Fernando Pessoa, in Mensagem

Fernando Pessoa, num determinado contexto espiritual, patriótico e messiânico, escreve um verso que bem pudéramos possuir por lema: “*É a busca de quem somos na distância/De nós.*”

Com efeito, se projectamos, procuramos ser outros: aqueles que ainda não somos, mas acreditamos ser capazes de vir a ser: A Escola Secundária de Sebastião da Gama é uma escola pública, portanto, prosseguindo, em primeiro lugar, como todas as outras escolas públicas do país, os valores da própria Escola Pública que ascendem a interesse nacional.

Assim, em perfeita consonância com o espírito e a letra da Constituição Portuguesa, a escola pública favorecerá a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares. É este um dos principais objectivos da Escola:

Em grandes linhas, a ESSG deverá ser sempre uma escola solidariamente inclusiva e promotora de transformação social.

São realmente linhas mestras do seu actual PEE dar sentido ao que se faz, sabendo para onde se vai e deve ir: numa sociedade cada vez mais individualista, mais técnica, mais consumista, daremos, com carácter de urgência a atenção ao SER, proporcionar a realização, desenvolvimento e felicidade de Ser-se-Pessoa, para viabilizar um mundo melhor.

“Ser uma instituição que pugne pela educação e formação integral dos seus alunos, promovendo simultaneamente a realização profissional dos seus agentes através da garantia da eficiência de todos os seus serviços.”

É a missão que a ESSG determinou formular.

E, dando largas aos seus propósitos, desenhou também a sua visão:

“Construir progressivamente, num espaço cada vez mais digno, uma escola activa, gratificante e solidária que, em relação com a família e o contexto local, promova a formação integral de cidadãos competentes e autónomos, responsáveis e críticos; escola que se afirme na comunidade social como pólo de desenvolvimento educativo, cultural e profissional, mobilizando sinergias e contributos individuais.”

Transcrevo, assim respectivamente, o entendimento que o Conselho Pedagógico da ESSG possuiu da missão da Escola e a visão, que serviu e lhe sustentou os alicerces e a motivação para a elaboração do seu Projecto Educativo.

Com efeito, o Projecto Educativo de Escola (PEE) constitui um dos instrumentos legais da autonomia das escolas, através do actual e tão controverso Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, que aprova o novo regime de autonomia, administração e gestão das escolas. Efectivamente, constitui, do ponto de vista jurídico, um dos instrumentos de autonomia, que se define, de acordo com este normativo legal, como *“o documento que consagra a orientação educativa (...) elaborado e aprovado pelos (...) órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa (...)”*.

Não podendo uma escola transformar-se numa ilha isolada, não podendo uma escola transcender os normativos jurídicos nacionais, ou possuir as instalações que quiser ou o orçamento que necessite fazer, a propalada autonomia é fenómeno muito difícil de pôr em prática. Sabendo por experiência deste facto, sabe também a autora deste trabalho das possibilidades outras que existem para se tentar a felicidade possível. Sem esquecer o resto do mundo, porque sabemos que não podemos, nós, alterar o mundo, assumamos, pois, que podemos adquirir a vontade de, ao nosso nível, querer mudar, continuar a mudar a nossa escola.

O actual Projecto Educativo da Escola Secundária de Sebastião da Gama é publicamente conhecido. Pugnou pelos seus objectivos e finalidades durante dois anos, mais um lhe resta ainda. Contudo, muita adversidade tiveram os professores de ultrapassar, outras os desmobilizaram. Mas o projecto ainda

existe e ainda deixa *sonhar* muitos professores da escola que querem poder cumpri-lo. Desenvolvê-lo sem entraves, sem burocracias, e sem obstáculos de outra ordem. Que muita tem sido a efervescência desnecessária a governar as escolas.

Naturalmente, um outro PEE que lhe suceda deverá manter com ele alguma correlação, alguma continuidade, o desenvolvimento possível... Efectivamente, as alterações sucessivas têm sido um custo muito doloroso para as escolas. Qualquer projecto que se apresente para os próximos anos na escola terá de ter isto em conta.

Todavia, neste momento, de enorme instabilidade, conturbação, e tumulto; neste contexto, social e político desastroso, surge o primeiro concurso para Director de Escola. Por isso, por mais sonhadores que possamos ser por índole; por mais arrojados que queiramos ser para *mudar*, uma certeza teremos de ter: a Escola não aguentará muito mais tempo esta efervescência e mutabilidade. Por isso, mudar o presente para um futuro próximo melhor é poder dar à escola, neste contexto, a serenidade possível, prosseguindo, ao mesmo tempo, um projecto educativo de desenvolvimento e melhoria.

Já há bastante tempo se fala e se sabe que as pessoas são o que é importante, são as pessoas o cerne de todas as organizações, mas tudo tem vindo a tornar-se pior. As pessoas estão sem esperança, desmotivadas. Sabemos que estamos num mundo marcado pela turbulência e pela descontinuidade, prelúdio e início de transformações gigantescas, de que não queremos sequer ouvir falar. Mas o mundo existe e é triste.

Presenciamos, seguramente, a maior crise da humanidade: a força monstruosa e devastadora da máquina; a violência e a injustiça, o individualismo, materialismo e consumismo das sociedades. Quando sabemos, ao mesmo tempo, que o Homem foi à Lua em pessoa, e a Marte e a outros planetas por outros modos. Quando sabemos que a ciência tem vindo a curar as doenças mais atrozes e conseguido torneir os maiores problemas do mundo físico e geográfico; e quando sabemos da generosidade de muitos movimentos e da esperança de muitos mais. O mundo assiste aos maiores dramas da humanidade e não quer ver. Sabemos isto e muito mais. E, talvez por isso mesmo a propósito, citamos Samuel Pizar, em *“La Ressource Humaine”*: *“Cada ser humano tem em si mesmo uma capacidade infinita de energia, de intervenção e de criatividade. Este recurso humano está no centro de tudo e é ilimitado”*. E, relativamente às dificuldades e problemas que o mundo atravessa, cita-se ainda o mesmo autor: *“(eles são) um desafio para o homem que leva em si mesmo a única possibilidade de salvação: pôr a render a sua própria riqueza interior.”* (Citado por Maria Angeles De Los Rios, in *Dirigir*).

Por isso, bastara às escolas serem o microcosmos ou uma extensão de sociedade, pois que, composta por pessoas vulneráveis à realidade,

promovendo a educação de pessoas inseridas em contextos sociais reais, e sujeitas a todas as vicissitudes da sociedade já a escola era uma organização altamente complexa e difícil, pois nela se reflectem todos os circunstancialismos. Bastara, digo, mas não bastou. É ainda a própria educação que em Portugal vivencia a mais grave e cruel, pode mesmo dizer-se, crise de toda a sua história.

E, por isso mesmo, se terá de entender que a serenidade possível será o melhor projecto para os próximos anos na Escola Secundária de Sebastião da Gama; serenidade para se poder trabalhar na *tarefa pedagógica*, que, por si só já tem muito que se lhe diga. **Uma escola personalizada e personalizadora** será outra expressão do mesmo lema, já referido, deste projecto que se apresenta. A pessoa na sua realização e formação integral é o objectivo que enformará todas as vertentes da actividade e acção da escola, segundo este projecto.

Qual a idiossincrasia então de Escola Secundária Sebastião da Gama? Como é conhecida pelos outros que a procuram ainda? Como é vista por todos os que nela trabalham? Uma escola com todas as especificidades que as escolas possuem, com muitos dos mesmos problemas que muitas outras escolas possuem também.

Contudo, tem a sua própria identidade e originalidade:

Localizada no coração da cidade, a Escola Secundária de Sebastião da Gama sofre os efeitos da centralidade, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista urbanístico: a sua arquitectura, aliada a factores de ordem económica, não tem permitido as adequações necessárias, sobretudo em matéria de segurança e bem-estar da sua população escolar. (Este problema deixa de ter, no entanto, a pertinência que tem tido, pois as obras previstas virão superar muitos dos problemas e riscos de segurança a que a escola e a sua população têm estado sujeitas.)

Na realidade, espera-se que muitas das dificuldades que têm caracterizado a escola venham a resolver-se com a alteração radical a que vão ser sujeitas as suas instalações físicas e arquitectónicas.

Mas é esta mesma centralidade que proporciona um dos maiores problemas das escolas: **a sua sobrelotação**. Possuindo uma procura muito elevada, a escola acaba, naturalmente, por possuir também um número de alunos excessivo no que se refere ao **ensino que funciona no regime diurno**.

Ao contrário, a escola em **regime nocturno** sofre o fenómeno oposto. A quase **desertificação** dos cursos da noite são, assim, um problema a que a gestão da escola deverá dar a resposta mais adequada.

A este facto, acresce um não menor problema: escasseando a procura do regime nocturno, **diminui a rendibilização dos espaços e dos recursos humanos, com especial incidência sobre alguns grupos de docência.**

Se a escola à noite corre o risco de alguma desertificação; de dia, ao número excessivo de alunos, associa-se a **indisciplina**, que grassa pelo país e caracteriza a escola actual. Não sendo, neste campo, uma das escolas com maior incidência do problema, a indisciplina é, pois, um problema do mundo de hoje. Será objecto do mais cuidado trabalho de prevenção. O fenómeno da indisciplina é complexo de mais para se poder pensar que se resolve com uma ou outra medida. Além dos motivos que influenciam a violência e que lhe são externos, factores facilitadores existem que são intrínsecos ao próprio sistema educativo vigente.

Entre muitos condicionantes está certamente o facto de os alunos estarem muito tempo seguido dentro da sala de aula. As aulas de substituição, ao invés de se constituírem solução do problema, instituem-se novo problema. A falta de condições físicas para a realização de actividades de enriquecimento curricular, de teor lúdico e criativo, levou a que este ano a escola tenha voltado à substituição de professores, efectuada por outro professor, no mesmo espaço da sala de aula. Os alunos, sobretudo os mais novos, ressentem-se deste facto: necessitam, em absoluto, de outro tipo de actividades.

A **grave falta de pessoal**, ou a **irregularidade da sua presença**, prejudica em muito o acompanhamento dos alunos e é um dos factores de risco, de insegurança e, inevitavelmente, da mesma indisciplina.

A ESSG é uma escola muito **heterogénea** do ponto de vista étnico, sócio-cultural e económico. Muitos alunos estão sujeitos a gravíssimos problemas de **miséria social e pobreza.**

Deste modo, para além de outros objectivos que virão a constituir o Projecto Educativo de Escola, são objectivos estratégicos desta candidatura:

Face à reduzida procura da Escola em regime nocturno:

- **São objectivos deste projecto:**
 - Aumentar e diversificar a oferta formativa no que respeita ao ensino nocturno, tanto no que diz respeito ao ensino recorrente por módulos, como aos cursos no âmbito das Novas Oportunidades, (Cursos EFA e ensino modular), como ainda aos cursos extra-escolares de curta

duração, no sentido de responder às necessidades de formação da população escolar da zona.

- ✓ Através da criação de novos currículos, com saída profissional na zona social e geográfica de Setúbal, nomeadamente o **curso de geriatria**.
 - ✓ Através da resposta directa às necessidades de formação apresentadas pelo CNO/CRVCC da Escola Lima de Freitas, especialmente cursos de curta duração.
- Manter o protocolo de funcionamento dos cursos nocturnos do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

Face ao fenómeno da indisciplina

- **São objectivos deste projecto:**
 - Implementação de medidas preventivas e dissuasoras de manifestações de desinteresse, indisciplina e comportamentos desviantes;
 - Facultar metodologias de trabalho de projecto e organizar iniciativas para divulgação pública, facilitadoras da motivação e empenho dos alunos, bem como do seu desenvolvimento pessoal e cívico.
 - Proporcionar grupos de estudo inter-pares no espaço que vier a ser o da Biblioteca, ou na actual Sala de Estudo.
 - Optimizando as novas instalações, sobretudo o espaço polivalente a construir, proporcionar diferentes respostas para os tempos livres dos alunos (POTE), essencialmente de carácter lúdico-educativo.
 - ✓ através do desenvolvimento dos clubes existentes na escola: clube do Ambiente, clube da História e Património Local; e da criação do clube de teatro (atribuindo-lhe um estatuto de permanência e formalidade que ainda não possui);
 - ✓ através da reactivação do clube do artesanato no sentido de uma recuperação da tradição que caracterizou a escola e a cidade;
 - ✓ através de iniciativas de carácter desportivo que enriqueçam do ponto de vista físico e descongestionem do ponto de vista da utilização de operações de carácter cognitivo.

- Planificar de forma articulada as actividades dos diferentes clubes de modo a rendibilizar a sua acção, recursos humanos, materiais e equipamentos;
 - ✓ através da recriação dramática do ambiente medieval no espaço do centro histórico, no ano em que se comemora os 150 anos da elevação de Setúbal a cidade.
 - ✓ Formalização de uma parceria de colaboração com o Teatro Estúdio Fontenova, que, desde há muitos anos, colabora com a escola, promovendo a maximização de recursos na área do teatro e outras intervenções culturais;

- Para além das acções descritas, promotoras do sentido da cidadania, naturalmente dissuasoras da indisciplina e facilitadoras das relações interpessoais e solidariedade, é objectivo concreto a promoção da presença dos pais na escola e diálogo permanente, no sentido da sua corresponsabilização no acto educativo. Prevendo-se:
 - ✓ A continuação de *“Conversas com Pais”*, acção em curso, promovida pelos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar;
 - ✓ Encontros temáticos desenvolvidos pelos alunos, professores e pais;
 - ✓ Reuniões com Encarregados de Educação, quer a nível de turma, quer a nível de ano de escolaridade quer ainda de âmbito mais alargado;
 - ✓ Participação em actividades educativas e mostras de trabalhos dos alunos;

- Estimular a participação criativa dos próprios pais e/ou E.E., transmitindo os seus saberes e experiências é também um objectivo a perseguir.

Face a situações de pobreza e baixo nível de retaguarda familiar

- **É objectivo deste projecto**
 - Promover iniciativas de interacção social com a comunidade social e económica local, estimulando práticas de apoio e interajuda, nomeadamente:

- ✓ através da participação no CLAS (Conselho Local de Acção Social) e na Comissão Social de Freguesia.

Como já se afirmou, este projecto intenta garantir a continuidade da acção prevista no actual Projecto Educativo de Escola. Convicta de que o projecto existente pugna por uma escola cada vez mais activa e gratificante, mais participativa e solidária, no sentido da escola personalizada e personalizadora. Pugnará pela escola pública de qualidade que cumpra com a sua missão de um futuro melhor.

Por isso, **se reiteram aqui os seguintes objectivos:**

1. Organizacionais e relacionais:

- a) Implementar estratégias que estimulem um ambiente cada vez mais saudável, mais aberto, mais frontal e mais participativo, aceitando e gerindo as diferenças, as tensões, e os conflitos; conhecendo e valorizando os actores da comunidade educativa e as suas estruturas representativas e incentivando estratégias de autonomia e responsabilidade;
- b) Desenvolver uma estratégia global de pedagogia de proximidade, promovendo o respeito mútuo pela diferença dos papéis sociais na relação pedagógica, dignificando o papel do professor como agente e promotor da mudança social e reforçando a sua autoridade, bem como a de todos os agentes educativos.
- c) **Estimular nos alunos, através das práticas pedagógicas e outras interacções sociais, o destinatário das intervenções escolares, quer como sujeito do seu percurso, sentido da autonomia e responsabilidade consciente, quer na sua postura como educativo ?????????e construção pessoal de sucesso.**

2. Pedagógicos

- a) Assegurar uma integração escolar dos alunos, facilitadora da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e social;
- b) Privilegiar a acção educativa centrada no aluno.
- c) Fomentar aprendizagens, experiências e atitudes escolares pertinentes e significativas, que estimulem o interesse e a curiosidade pelo novo e pelo diferente, através de experiências pedagógicas que conduzam os alunos e os professores ao percurso pedagógico: da observação atenta e crítica à actuação/produção crítica, criativa e criadora;

- d) Promover a utilização de materiais e equipamentos direccionados para práticas educativas inovadoras que respondam às exigências dos novos currículos e da sociedade multimédia;
- e) Criar condições que encorajem a autonomia, a auto-confiança, a realização pessoal;
- f) Desenvolver estratégias que visem a atenção e a concentração dos alunos, contribuindo para a diminuição do insucesso;
- g) Valorizar a aprendizagem e a acção cooperativas, a construção de processos e de produtos, através da compreensão do valor do trabalho de grupo e de projecto, somente possível através da partilha, da complementaridade, da confiança em si e no outro, bem como das sinergias criadas, do prazer da cooperação, da inteligência socializada;
- h) Implementar experiências e investigar informação que favoreçam a interiorização dos princípios universalizantes da justiça, da tolerância, da solidariedade, da cooperação e da paz;
- i) Fomentar atitudes e valores que conduzam à consciencialização da importância do ser humano na sua dimensão física, intelectual e ética.

3. De Interação com o Contexto Escolar

- a) Envolver a comunidade local – social, cultural, autárquica e económica no amplo e complexo quadro da educação escolar e da comunidade educativa, estabelecendo pontes de entendimento e cooperação mútuas com todos os parceiros sociais, levando à consciencialização da importância recíproca das interacções escola – meio;
- b) Criar iniciativas de conhecimento, reconhecimento e fruição do espaço físico, histórico e geográfico que nos envolve, nos condiciona e nos caracteriza;
- c) Proporcionar a pesquisa, a procura e a descoberta desse espaço; em experiências de contacto directo com o exterior, em busca duma cultura local – imagens e paisagens, peculiaridades, valores, crenças, usos e costumes; origens e memórias, numa perspectiva de enraizamento e identidade cultural;
- d) Promover acções que estimulem o sentido da defesa da natureza, do ambiente e da qualidade de vida;
- e) Promover a visibilidade do estabelecimento de ensino perante a comunidade envolvente, valorizando a imagem e a presença da Escola e dignificando a escola pública;

- f) Garantir a divulgação e a partilha, junto dos Encarregados de Educação, em determinados momentos do calendário escolar, da produção realizada pelos alunos em mostras e exposições que ponham face aos olhos dos EE o significado das aprendizagens, valorizando o jovem e as suas aprendizagens e realizações escolares no seio da família.

4. Curriculares

- a) Proporcionar aos alunos um conjunto variado de opções formativas e curriculares, oferecendo nos projectos curriculares do Ensino Básico e Secundário os diferentes planos de estudo aprovados nacionalmente, dando, a par dos conteúdos científicos, especial ênfase à formação tecnológica e artística, de forma a otimizar recursos físicos, materiais e humanos, respeitando a matriz histórica da escola.
- b) Garantir, com especial relevância para o Ensino Básico, opções alternativas que proporcionem e garantam a todos os alunos a aprendizagem adequada à sua especificidade e ao seu ritmo, às suas características intelectuais, físicas, linguísticas, culturais, etc. de forma a garantir o seu sucesso escolar;
- c) Dinamizar projectos, acções e iniciativas que privilegiem o desenvolvimento das competências em Língua Materna e em Matemática, independentemente do especial enfoque que lhe deverá ser dado em todos os contextos de aprendizagem, face ao teor transversal destas duas disciplinas;
- d) Incentivar à realização de iniciativas nas diversas áreas das artes (teatro, música, dança, pintura, fotografia, vídeo, artesanato, etc.) que ultrapassem o meramente circunstancial em ocupação pontual de tempos livres, vocacionando a escola para o conceito de “escola cultural”.

Um projecto é, afinal, um acto mental e afectivo, que se realiza no plano das representações simbólicas do indivíduo. Muito menos do que nos vai na alma, e as palavras não dizem; muito mais do que, por vezes, na prática, se realiza.

A Escola de sucesso e de futuro terá de ser o espaço do diálogo e da aprendizagem constantes. O trabalho de equipa que o projecto preconiza é, do nosso ponto de vista, aquele que melhor se adequa aos estados de mudança. As equipas podem *“melhor e mais rapidamente modificar-se com mais facilidade do que as estruturas hierárquicas tradicionais: Têm o poder de aumentar a produtividade e o moral (...). Elas oferecem aos elementos nelas envolvidos um sentimento de valor, ligação e significado.”* (Blanchard, 2007)

O Projecto de intervenção na Escola Secundária de Sebastião da Gama intenta, sobretudo, constituir-se como um modo de dizer *estamos vivos e*

continuaremos a pugnar por uma Escola que se oriente pela qualidade: uma Escola que tenha mais poder sobre o seu futuro. O entusiasmo que a autora põe no seu projecto radica no facto de o projecto ser um móbil contagiante de acção: onde os professores, funcionários, alunos e pais actuarão, em todas as direcções.

Ventos ruins poderão levar à desilusão. Os que perscrutam o futuro e nele vêem a distância possível, serão a garantia desse mesmo futuro.

Como me lembra aquele poema de Miguel Torga "Tormenta", e como me dá força para avançar, prosseguindo, mesmo contra as marés...

Noite medonha aquela! / O mar, tanto engolia a caravela, / como a exhibia à tona, desmaiada! / No abismo do céu nem uma estrela! / E a cruz de Cristo a agonizar na vela, suava sangue, sem poder mais nada! /.../ O gajeiro sem gávea, dessa altura que a alma atinge ao rés da sepultura, / Olhou ainda a bruma em desafio... Mas a Sereia Negra que cantava no coração do Mar tanto chamava / Que ele deu-lhe aquele olhar cansado e frio.// O naufrágio alargou-se ao mundo inteiro. / E o corpo morto de um herói / Primeiro cruzado da unidade deste mundo, / No dorso frio duma onda irada, / Mandou aos mortos, com a mão na espada, / Boiar o Sonho que não fosse ao fundo.

(Maria da Conceição Crispim Rosado)